

VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NO ESPAÇO MATERNO INFANTIL: Contribuições para a permanência de mães universitárias na UFPA - Campus Cametá

Laryssa Dos Santos Ferreira¹ Idalina Ferreira Caldas²

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará. Bolsista do Espaço Materno Infantil (EMI). Email santosufpa22@gmail.com

² Técnica administrativa da Faculdade de Educação do Campo e Coordenadora do Programa de apoio as estudantes mães do curso de Educação do Campo (PROAME) do PROGRAMA DE EXTENSÃO INCLUSIVA AVANÇADA e do Espaço Materno Infantil (EMI) - PROEXIA do Baixo Tocantins. Email fc.lina@gmail.com.

Resumo

A permanência de estudantes-mães no ensino superior ainda representa um desafio significativo, especialmente em contextos marcados pela ausência de políticas institucionais específicas voltadas à conciliação entre trabalho materno e vida acadêmica. Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições do Espaço Materno Infantil (EMI) e do Programa de Apoio às Estudantes Mães do curso de Educação do Campo (PROAME) para a permanência acadêmica de mães universitárias no Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com enfoque na pesquisa participante, fundamentado na vivência de uma graduanda do curso de Pedagogia como bolsista dos referidos projetos, no período de 2023 a 2025. Os dados foram construídos a partir da observação contínua e de relatos de estudantes-mães atendidas pelo EMI e pelo PROAME. Os resultados evidenciam impactos positivos na permanência estudantil, no bem-estar emocional das mães e no desenvolvimento social e afetivo das crianças, além da construção de redes de apoio e fortalecimento do sentimento de pertencimento à universidade. Conclui-se que o EMI e o PROAME configuram-se como ações institucionais relevantes para a promoção da equidade, da justiça social e da humanização do espaço universitário, embora ainda enfrentem limites estruturais que demandam consolidação enquanto políticas permanentes.

Palavras-Chave: Estudantes-mães. Desafios e permanência. Espaço de acolhimento. Inclusão social.

Introdução

A conciliação entre a vida universitária e o trabalho materno constitui um desafio recorrente para mulheres que exercem a maternidade durante a graduação, sobretudo em contextos marcados pela insuficiência de políticas institucionais sensíveis às questões de gênero, cuidado e permanência estudantil. Embora o acesso de mulheres ao ensino superior tenha avançado nas últimas décadas, a permanência das estudantes-mães ainda é atravessada por obstáculos estruturais, sociais e institucionais, que impactam diretamente suas trajetórias acadêmicas.

Estudos apontam que a sobrecarga de responsabilidades, a ausência de rede de apoio e a invisibilidade da maternidade nas políticas educacionais contribuem para o aumento da evasão feminina no ensino superior (URPIA; SAMPAIO, 2009). Ainda que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) assegure atendimento educacional em situações que demandem condições específicas, esse respaldo se concretiza majoritariamente na educação básica. No âmbito do ensino superior, assim como no Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES – Lei nº 14.914/2024), observa-se a ausência de políticas específicas voltadas às estudantes-mães, evidenciando uma lacuna entre as garantias legais e a realidade vivenciada por esse público.

Nesse cenário, o Espaço Materno Infantil (EMI), criado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), no Campus Universitário do Tocantins/Cametá, surge como uma iniciativa institucional de acolhimento às estudantes-mães, possibilitando que participem das atividades acadêmicas enquanto seus filhos permanecem em um ambiente seguro e educativo. Articulado ao EMI, o Programa de Apoio às Estudantes Mães do curso de Educação do Campo (PROAME) busca fortalecer a permanência acadêmica por meio do acesso à assistência estudantil, flexibilização acadêmica e construção de redes de apoio, especialmente para estudantes oriundas de comunidades ribeirinhas e quilombolas.

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho caracteriza-se como Pesquisa Participante, que para Matos e Vieira (2001, p.46) “caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas”, buscando compreender as experiências das mães acadêmicas em suas próprias palavras e contextos, de natureza qualitativa, segundo Ludke & André (1986, p.18) “é aquela que se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos e tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”, fundamentado na vivência de uma graduanda do curso de Pedagogia como bolsista do EMI e do PROAME, no período de 2023 a 2025. A análise baseia-se na observação contínua, em registros das atividades desenvolvidas e em relatos de estudantes-mães atendidas pelos programas.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral analisar as contribuições do Espaço Materno Infantil e do PROAME para a permanência acadêmica de mães universitárias na UFPA- Campus Cametá. Especificamente, busca-se refletir sobre os impactos dessas iniciativas na trajetória das estudantes-mães, identificar os aprendizados formativos decorrentes da atuação no espaço e discutir os limites e potencialidades dessas ações enquanto políticas institucionais de permanência estudantil.

Desafios e aprendizados

A experiência como bolsista em um espaço de acolhimento infantil dentro de uma universidade tem sido uma jornada de aprendizado contínuo, repleta de desafios e recompensas. A diversidade de crianças, com suas idades e especificidades, exigiu constante adaptação e desenvolvimento de habilidades pedagógicas e sociais, corroborando com a teoria vygotskyana da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Para Vygotsky (1994, p.97) a ZDP representa:

“a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”.

Minha experiência como bolsista do Espaço Materno Infantil exemplifica essa ideia. As crianças, com seus diferentes níveis de desenvolvimento, estão em constante processo de aprendizagem. E eu, como bolsista, sou mediadora, utilizando a interação social como ferramenta para promover o aprendizado, ou seja, me tornando crucial para auxiliar as crianças a superarem suas dificuldades e atingirem um nível de desenvolvimento potencial, que está além do que elas conseguem fazer sozinhas.

Acompanhar o percurso acadêmico das estudantes mães e vivenciar de perto seus desafios e superações tem sido igualmente enriquecedor. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua - Educação 2023) revelam que nove milhões de jovens, com idades entre 14 e 29 anos, não concluíram os estudos em 2023, sendo a gravidez um dos principais motivos para o abandono escolar entre mulheres (23,1%). Ver essas estudantes mães superarem essa estatística, demonstrando força e determinação para construir um futuro digno para seus filhos, é uma inspiração constante. Seu compromisso com os estudos, mesmo diante das dificuldades inerentes ao trabalho materno e à vida acadêmica, reforça a importância do trabalho do Espaço Materno Infantil, proporcionando um suporte fundamental para sua jornada.

Um dos casos mais marcantes envolve um aluno autista, cujas especificidades demandaram uma abordagem completamente diferente daquela utilizada com as outras crianças, exigindo uma compreensão profunda das características do espectro autista, que conforme Araújo (2019, p.01), “o Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades na comunicação e na interação social, e por comportamentos e/ou interesses repetitivos e restritos”.

Inicialmente, senti certa insegurança ao lidar com as particularidades do autismo. A comunicação, por exemplo, exigiu paciência, criatividade e muita atenção. Aprendi a observar atentamente seus sinais, a identificar seus gatilhos e a adaptar minhas estratégias para melhor atendê-lo. Descobri que ele não gosta de repetições e que não é com todos que ele se sente confortável. Ele é seletivo em suas relações, mas quando se sente à vontade e gosta de alguém, demonstra muito carinho e afeto. É importante destacar que ele é comunicativo, basta saber como lidar com suas especificidades. O que inicialmente parecia um obstáculo, tornou-se uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

Descobri a importância da rotina e da previsibilidade para ele, estruturando as atividades diárias de forma clara e organizada, reduzindo a ansiedade e promovendo a segurança, em consonância com as recomendações de especialistas em autismo para a criação de ambientes estruturados e previsíveis. Um ambiente inclusivo e sensorialmente amigável pode reduzir o estresse e a sobrecarga sensorial, facilitando a concentração e a participação ativa nas atividades diárias (DO NASCIMENTO et al., 2024). Aprender a observar a criança, compreender suas preferências e limites foi fundamental para estabelecer uma relação positiva e eficaz e mostrar que sou uma amiga a quem ele pode se sentir à vontade para conversar, aprender e saber que está seguro. A chave para o sucesso foi a adaptação constante, a paciência e o respeito às suas individualidades.

Lidar com as necessidades individuais de cada criança me ensinou a importância da observação, da escuta ativa e da empatia, princípios fundamentais da pedagogia centrada na criança. Autores como John Dewey, Maria Montessori, Jean Piaget e Lev Vygotsky defendem a centralidade da criança no processo de ensino-aprendizagem, reforçando a ideia de que não existe uma fórmula mágica para o sucesso educacional. Desenvolvi habilidades para adaptar as atividades e o ambiente de acordo com as necessidades específicas de cada um, buscando sempre estimular seu desenvolvimento de forma individualizada e coletiva.

Em termos de habilidades pedagógicas, aprimorei minha capacidade de criar atividades lúdicas e educativas que atendessem às diferentes faixas etárias e níveis de desenvolvimento. Aprendi a utilizar diferentes recursos pedagógicos, como jogos, música e artes, para tornar o aprendizado mais significativo e prazeroso. A experiência com o aluno autista, em particular, me ensinou a importância da inclusão e da adaptação curricular, buscando sempre respeitar seu ritmo e suas habilidades, alinhado com as propostas de educação inclusiva que enfatizam a diferenciação pedagógica.

No âmbito social, a experiência me proporcionou um crescimento significativo. Aprendi a lidar com situações complexas, a resolver conflitos e a construir relacionamentos positivos

com as crianças e seus responsáveis. A empatia e a comunicação assertiva tornaram-se ferramentas essenciais no meu trabalho. Além disso, desenvolvi uma maior consciência sobre a importância da inclusão social e da valorização da diversidade, valores fundamentais para uma educação humanista e inclusiva.

Essas experiências reforçam a visão de Freire (1996) sobre a importância de desenvolver a autonomia dos educandos, pois ao criar um ambiente de respeito e colaboração, e ao mediar conflitos de forma construtiva, contribuo para que as crianças se tornem sujeitos críticos e atuantes na sociedade, capazes de transformar o mundo. Ao valorizar suas individualidades e promover a inclusão, estou respeitando-as como sujeitos sociais e históricos, conforme preconiza o educador.

Impacto pessoal e acadêmico da experiência: Enriquecimento da formação em Pedagogia e perspectivas profissionais

A experiência como bolsista dos programas de acolhimento dentro da universidade representou um significativo enriquecimento da minha formação no curso de Pedagogia, impactando tanto meu percurso universitário quanto minhas perspectivas profissionais. A vivência prática proporcionada por essa atuação ultrapassou a compreensão teórica dos conteúdos estudados, permitindo uma aproximação concreta com os desafios e possibilidades da atuação pedagógica em contextos reais. Esse contato direto com as crianças, com as mães universitárias e com a dinâmica institucional do Espaço Materno Infantil possibilitou compreender a pedagogia como uma prática situada, atravessada por relações sociais, afetivas e culturais.

Em particular, as teorias de aprendizagem de Piaget e Vygotsky, abordadas na disciplina de Psicologia da Educação, foram postas em prática na coordenação de atividades com os alunos. A oportunidade de desenvolver e implementar um projeto de aprendizagem baseado em jogos cooperativos, que estimulasse a construção do conhecimento através da interação e da colaboração (Vygotsky 2001), permitiu observar, na prática, os diferentes ritmos de aprendizagem, as formas singulares de participação das crianças e os limites das estratégias inicialmente planejadas. Para Piaget (1983, p.11) o esquema mental é “aquilo que numa ação é transponível, generalizável ou diferencial de uma situação para a seguinte.”.

Durante as atividades, nem sempre as respostas das crianças corresponderam às expectativas teóricas previamente elaboradas, o que exigiu constante adaptação das propostas pedagógicas. Houve situações em que foi necessário reformular jogos como pareamento de formas e cores, jogo da memória, bingo ilustrado e jogos cooperativos de construção com blocos. Essas atividades, embora aparentemente simples, exigiam diferentes níveis de mediação

pedagógica, especialmente quando envolviam crianças de faixas etárias distintas no mesmo espaço.

Em alguns momentos, o jogo da memória precisou ser reduzido em quantidade de peças para crianças menores, enquanto para as maiores foram incluídas regras adicionais, como a necessidade de nomear o objeto encontrado ou construir pequenas narrativas a partir das imagens, e os nos jogos de construção, observou-se que algumas crianças necessitavam de intervenção direta para avançar na atividade. Essas experiências contribuíram para consolidar o entendimento da zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1994), evidenciando que o aprendizado ocorre de forma mediada, relacional e contextualizada.

Na teoria psicogenética de Piaget (1979), as noções de assimilação e acomodação são fundamentais. A assimilação ocorre quando o indivíduo incorpora um novo conhecimento à sua estrutura cognitiva existente, enquanto a acomodação representa a modificação dessa estrutura para se adaptar ao novo conhecimento. Na prática cotidiana do espaço, foi possível perceber que esses processos não acontecem de forma linear, não funciona do mesmo jeito para todas as crianças, mas são atravessados por fatores como o ambiente, o vínculo afetivo, a segurança emocional e a interação com outras crianças. A realização da Semana Educativa e a aplicação dos princípios propostos por esses autores evidenciaram que a teoria não é um modelo rígido, mas um referencial que se ressignifica diante das experiências concretas da prática pedagógica.

A demanda extra do espaço consistiu principalmente em dedicar tempo além da carga horária prevista para a preparação de materiais didáticos, organização de eventos, campanha de doação de brinquedos e a criação da rede de apoio universitária para estudantes-mães do Campus Universitário do Tocantins-Cametá, intitulada “Roda de Conversa”, coordenada pela psicóloga Amanda Magalhães, essas rodas constituíram-se como um espaço de escuta, acolhimento e fortalecimento emocional, no qual as mães puderam compartilhar vivências, dificuldades e estratégias de permanência na universidade.

Essa iniciativa revelou a importância do apoio psicológico e coletivo como dimensão fundamental da permanência estudantil, especialmente para mulheres que conciliam maternidade, estudos e, muitas vezes, trabalho. não somente o apoio, mas um trabalho de direcionamento da psicóloga, de sensibilização das faculdades em relação às mães que passam por essa experiência e de um maior fortalecimento do campo ao próprio espaço materno.

O programa oferece suporte em eventos, facilitando a participação das estudantes mães, permitindo que elas deixem seus filhos em um ambiente seguro e acolhedor enquanto participam de atividades acadêmicas. Por exemplo, durante o IV Encontro Regional das Licenciaturas em Educação do Campo-ERLEC, que coincidiu com a inauguração do

PROAMA, o V Colóquio da linha políticas e sociedade (PPGEDUC) e a outorga de grau da turma de Educação do Campo-2018, as mães puderam vivenciar o ensino, a pesquisa e a extensão, sem a necessidade de se afastarem de seus filhos. Essas ações evidenciam o papel do PROAME e do Espaço Materno Infantil como estratégias institucionais fundamentais para a permanência acadêmica das estudantes-mães.

A influência dessa experiência estende-se às perspectivas futuras, tanto pessoais quanto profissionais. A vivência prática fortaleceu meu interesse pela Educação Inclusiva e pela Educação Infantil, permitindo aplicar os conhecimentos teóricos de forma crítica e sensível à realidade. Além da formação individual, a experiência revelou o potencial transformador desses programas para a universidade, ao promover uma cultura institucional mais acolhedora, equitativa e comprometida com a justiça social. Dessa forma, a atuação no PROAME e no Espaço Materno Infantil não apenas contribuiu para a formação da futura pedagoga, mas também reafirmou a importância de políticas e práticas institucionais que reconheçam a maternidade como parte legítima da vida acadêmica.

Resultados e Impacto do Programa

Os resultados obtidos a partir da vivência no Espaço Materno Infantil (EMI) e no Programa de Apoio às Estudantes Mães (PROAME) evidenciam impactos que extrapolam a dimensão individual, alcançando esferas acadêmicas, institucionais, sociais e emocionais. As análises realizadas com base nos relatos das estudantes-mães, de familiares e nas observações de campo demonstram que essas iniciativas contribuem de forma significativa para a permanência acadêmica, o fortalecimento emocional e a construção de uma universidade mais inclusiva e equitativa.

No que se refere à permanência estudantil, os depoimentos das discentes indicam que o EMI desempenha papel central na continuidade da formação acadêmica. Diversas mães relataram que, antes da existência do espaço, enfrentavam dificuldades constantes para frequentar aulas, realizar atividades acadêmicas e cumprir estágios obrigatórios, chegando, em alguns casos, a cogitar o trancamento ou a desistência do curso. Esses relatos dialogam com os estudos de Silva et al. (2021), que apontam a ausência de políticas institucionais voltadas às mães universitárias como um dos principais fatores associados à evasão feminina no ensino superior.

“Meu filho é autista, e vivi situações muito difíceis em sala, com colegas e professores que não compreendiam que eu não tinha uma rede de suporte pra me ajudar cuidando do meu filho. Muitas das vezes via olhares e comentários a respeito dele, e devido a isso pensei muitas vezes em parar os estudos.” (M01).

A experiência relatada pela Mãe01, estudante do curso de Agronomia e mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ilustra essa realidade. Segundo seu relato, a inexistência de uma rede de apoio institucional dificultava sua permanência no curso, agravando a sobrecarga emocional e acadêmica. Com a implementação do EMI, tornou-se possível acompanhar integralmente as atividades acadêmicas, realizar avaliações e cumprir o estágio com maior tranquilidade. Situação semelhante foi descrita pela Mãe02, do curso de Letras-Língua Portuguesa, que destacou a possibilidade de estudar na biblioteca enquanto seus filhos permaneciam acolhidos no espaço, algo inviável em sua residência.

Outras discentes mães também reforçaram essa concepção: a impossibilidade de estudar sem o apoio do espaço levava à sobrecarga emocional, atraso em atividades e até o desejo de trancamento do curso, resultado de exaustão da rotina corrida.

Os relatos das discentes evidenciam que as dificuldades enfrentadas pelas mães universitárias não se restringem à esfera individual, mas estão profundamente relacionadas às desigualdades sociais que atravessam suas trajetórias acadêmicas. A sobrecarga do trabalho materno, a ausência de rede de apoio e as limitações socioeconômicas afetam diretamente as condições de permanência dessas mulheres na universidade. Nesse sentido, a análise dialoga com Bourdieu (1998), ao evidenciar que as desigualdades sociais e simbólicas interferem diretamente nas condições de permanência dos sujeitos no sistema educacional, reforçando a necessidade de políticas institucionais que reconheçam essas desigualdades e atuem na sua mitigação.

A discente do curso de Licenciatura em Educação do Campo Mãe 03 relatou que, durante sua graduação, quando ainda não existia o programa, precisou deixar o filho sob os cuidados dos pais por longos períodos, gerando sofrimento emocional.

“Nessa dinâmica de vida corrida muitas das vezes tenho que estudar de madrugada, fazer as leituras no ônibus, na hora do almoço, nos intervalos, uma vez que quando chegamos em casa, a atenção fica dividida tenho que fazer isso, aquilo dar atenção às crianças, fazer jantar lavar, passar.... e o tempo que era pra descansar acaba sendo o de fazer as atividades acadêmicas.” (Mãe 04)

Em seu relato a mãe 04, do mesmo curso da Mãe 03, descreveu o cansaço físico e mental de estudar em horários que era para ser seu descanso, após cumprir integralmente as tarefas domésticas e maternas. Para ela, os projetos tornaram-se “sinônimo de esperança”.

Além da dimensão acadêmica, os impactos do EMI e do PROAME manifestam-se de forma significativa no campo emocional e psicológico das estudantes-mães. O acolhimento proporcionado pelo espaço e pelas ações do programa contribuiu para que muitas discentes se

sentissem respeitadas, pertencentes e legitimadas enquanto mães e universitárias. A Mãe05 destacou que as rodas de conversa e o acompanhamento psicológico foram fundamentais para o fortalecimento emocional, “esse acolhimento nos ajudou a fortalecer o emocional, principalmente pra quem estava num final de curso, as forças já se esgotavam e ainda ter superado a pandemia foi muito pra aguentar, as rodas de conversar mediadas pela psicóloga foi muito importante pra mim” (Mãe05). Esse aspecto dialoga com Freire (1996), ao defender que práticas educativas baseadas no diálogo, na escuta e no acolhimento promovem autonomia, fortalecimento subjetivo e humanização dos sujeitos.

A Mãe 06, mãe de duas meninas, falou da dificuldade de ficar longe delas durante os períodos de aula, já que tinha que se deslocar para a cidade vizinha para poder estudar, entretanto destacou que o espaço e os encontros entre discentes mães lhe davam motivação para seguir.

O impacto dos programas também se manifesta diretamente nas crianças. As Mães07 e Mãe08 relataram que seus filhos demonstraram felicidade ao frequentar o espaço, sentiram-se seguros, acolhidos e interagiram com outras crianças e os bolsistas. Crianças que antes eram mais retraídas se tornaram mais comunicativas, como foi o caso do filho da Mãe02, “o Valentin (nome fictício do filho) era um pouco tímido, quando as pessoas falavam com ele, ele não respondia, hoje em dia além dos meus colegas de sala, ele fez amizades com pessoas de outros cursos e até com os professores.”

A Mãe01 relatou que seu filho “melhorou a socialização com outras crianças, e em pessoas em geral, melhorou na comunicação” graças ao cuidado respeitoso da equipe do Espaço Materno Infantil. Conforme Vygotsky (1994), o desenvolvimento infantil ocorre de forma mediada pelas interações sociais, sendo o ambiente educativo um elemento fundamental para a ampliação das capacidades cognitivas e socioemocionais da criança. Dessa forma, o EMI configura-se não apenas como um espaço de cuidado, mas como um ambiente educativo promotor de desenvolvimento.

Apesar dos resultados positivos, os depoimentos também evidenciam desafios e apontam caminhos para o aprimoramento do espaço. Entre as sugestões apresentadas pelas discentes estão a ampliação do espaço físico, a separação de ambientes por faixa etária, a criação de áreas que valorizem a identidade cultural local, como o uso de redes, além do fortalecimento do apoio financeiro, da contratação de mais estagiários e da ampliação das atividades lúdicas e pedagógicas. Essas proposições reforçam a necessidade de consolidação do EMI como uma política institucional permanente, e não apenas como uma iniciativa pontual.

Também é importante destacar o envolvimento dos pais e familiares no processo. P01, pai acadêmico, evidenciou que o programa o ajuda a conciliar os estudos com a paternidade, algo raramente contemplado em políticas universitárias. M05, M09, M04 e outras mães ressaltaram a importância de suas redes de apoio, mães, cônjuges, colegas e professores, que, junto com o EMI, tornam possível a difícil jornada de ser mãe e estudante.

Outro aspecto relevante identificado foi a construção de redes de apoio entre as próprias estudantes-mães. As rodas de conversa e os momentos de escuta coletiva favoreceram a troca de experiências, o fortalecimento emocional e o sentimento de pertencimento. Conforme Silva (2021), esses espaços coletivos desempenham papel fundamental na permanência estudantil, pois combatem o isolamento, promovem solidariedade e fortalecem a identidade coletiva das mães universitárias.

As entrevistas revelam, ainda, que o programa e o espaço não representam um favor ou caridade, mas sim uma política pública necessária para a permanência estudantil com justiça social. Ele garante que mulheres, especialmente mães solas, de origem periférica, ribeirinha ou em situação de vulnerabilidade, possam acessar, permanecer e concluir o ensino superior. Como expressou M07, o EMI representa a realização de um sonho, que ela própria não teve enquanto estudante da graduação.

Dessa forma, os resultados evidenciam que o EMI e o PROAME não representam ações assistencialistas, mas políticas públicas institucionais essenciais para a garantia da permanência estudantil com justiça social. Ao reconhecer a maternidade como parte legítima da trajetória acadêmica, essas iniciativas contribuem para a humanização da universidade, reafirmando seu compromisso social e apontando caminhos para a construção de um ensino superior mais inclusivo, democrático e sensível às múltiplas realidades de seus estudantes.

Conclusões

A análise da vivência no Espaço Materno Infantil e no Programa de Apoio às Estudantes Mães permitiu compreender, de forma aprofundada, a relevância dessas iniciativas para a permanência acadêmica de mães universitárias e para a construção de uma universidade mais inclusiva e humanizada. Ao longo da experiência como bolsista, foi possível observar que o acolhimento institucional, quando estruturado e comprometido com a realidade dos estudantes, impacta diretamente o êxito acadêmico, o bem-estar emocional e a qualidade da formação.

Os resultados evidenciam que o EMI e o PROAME não se limitam a oferecer suporte pontual, mas constituem ações que reconhecem a maternidade como parte legítima da trajetória universitária. Essas iniciativas contribuem para a redução da evasão, fortalecem redes de apoio

e promovem condições mais equitativas de acesso e permanência no ensino superior, especialmente para mulheres em situação de vulnerabilidade social.

No âmbito da formação em Pedagogia, a experiência promove a articulação entre teoria e prática. O contato direto com crianças e estudantes-mães fortalece os conhecimentos em educação infantil e educação inclusiva. A vivência desenvolve competências relacionadas à escuta, à empatia e à mediação pedagógica.

O estudo aponta a necessidade de consolidação do Espaço Materno Infantil como política institucional permanente. A ampliação de recursos humanos, infraestrutura e financiamento mostra-se fundamental para garantir a continuidade e o fortalecimento das ações. O trabalho contribui para o debate sobre maternidade e universidade e reforça a importância de políticas institucionais voltadas à permanência estudantil e à justiça social.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Liubiana Arantes de. Transtorno do Espectro Autista. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. n 5. Abril 2019. Disponível em: >https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf< Acesso em: 19 de abril 2025

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Lei nº 14.914, de 3 de julho de 2024. Institui o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, K. S. L. de. VIEIRA, S. L. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; UECE, 2001.

PIAGET, Jean William Fritz. A construção do real na criança. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PIAGET, Jean William Fritz. A epistemologia genética; Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SILVA, Ana Paula et al. Permanência estudantil e desigualdades de gênero no ensino superior. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, v. 37, n. 3, p. 789-805, 2021.

SILVA, Ana Paula. Maternidade e universidade: desafios para a permanência de mães no ensino superior. Revista Educação e Sociedade, v. 42, e023456, 2021.

SILVA, Ana Paula; AGAPITO, Maria C. Políticas de permanência e maternidade no ensino superior. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 37, e37215, 2021.

SILVA, J. M. S., SALVADOR, A. C. Coletivos De Mães Universitárias Rompendo Com A História Da Exclusão Feminina Nas Universidades. Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia/organização Márcia Maria Menendes Motta. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021.

SILVA, Juliana Marcia Santos Silva. “A partir do momento que eu vi que não estava sozinha que eu consegui avançar”: Coletivos de mães universitárias do Estado do Rio de. Diss. PUC-Rio, 2024.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária. Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras vol. 3, n. 2, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

